

A close-up, high-contrast portrait of a man's face. He has a dark beard and mustache. His right eye is a vibrant, unnatural blue, while his left eye is partially visible and appears normal. The lighting is dramatic, highlighting the texture of his skin and the intensity of his gaze.

TEATRO DA
TRINDADE
INATEL

EUTANASIADOR

DE PAULA GUIMARÃES
ENCENAÇÃO DIOGO INFANTE

“Quero que o público saia incomodado”

Paula Guimarães

Entrevista **Sónia Castro**

Como surgiu a ideia para este texto?

Na minha vida profissional, acompanho muito a dimensão dos direitos humanos, da autodeterminação, da questão da eutanásia. Acompanhei muito a preparação da lei da morte medicamente assistida. Foi um tema que me fez refletir. Comecei então a desenhar esta intriga e esta personagem.

O que sente por esta personagem?

Um misto de atração e de repulsa. É uma personagem distante das pessoas e dos outros. Ao mesmo tempo, fascina-me. Há características da personagem que são minhas. Tem também um outro lado que condeno. É, de facto, um misto de sentimentos.

E é isso que quer provocar no público?

Sim. Quero que o público saia incomodado! Que também se divirta um bocadinho, porque eu tento usar um pouco de humor negro. Mas, sobretudo, que saia incomodado, porque considero que são temas que varremos para debaixo do tapete e não gostamos de enfrentar.

Que temas são esses?

Penso que o texto acabou por ser mais sobre a hipocrisia social do que sobre a eutanásia propriamente dita. É, portanto, uma peça que tenta pôr a nu aquilo que são as nossas contradições sociais, as nossas ideias feitas, a forma falsa como muitas vezes nos relacionamos uns com os outros. Não é um espetáculo para deixar as pessoas confortáveis ou bem-dispostas. É para levarem bagagem para casa, alguma coisa em que pensar.

E esse também pode ser o objetivo do teatro.

Eu acho que pode e deve ser o objetivo do teatro também.





“O teatro tem esta capacidade de nos encostar à parede”

Diogo Infante

Entrevista **Sónia Castro**

Este é um texto original, que foi entregue no Teatro da Trindade INATEL por iniciativa da autora Paula Guimarães. Houve um fascínio à primeira leitura?

De facto, quando comecei a ler as primeiras frases, não consegui parar e li o texto de enfiada, o que é um bom sinal. Era um texto interessante, fluido, bem escrito, com um humor negro, fino, que eu adoro. Contactei a autora, agradeci, encontrámo-nos, fiz várias sugestões dramáticas e operacionais, tendo já em conta a perspetiva de podermos levar o texto a cena (na altura, sem ter qualquer certeza se eu iria participar como ator ou como encenador). Confesso que dei o texto a ler a vários encenadores, mas penso que se intimidaram um pouco com o tema ou, simplesmente, não se apaixonaram como eu. Depois de alguma reflexão, pensei: “Se sou o maior entusiasta deste texto até à data, se calhar faz sentido que seja eu a levá-lo a cena.” E foi isso que me propus fazer.

Seguiu-se a escolha do ator para interpretar a personagem deste monólogo e não houve dúvidas: Sérgio Praia.

O Sérgio Praia pareceu-me ser o ator perfeito para esta personagem. Tem uma larga experiência em teatro e muitos instrumentos que eu sabia que lhe dariam a capacidade de dar resposta às minhas propostas. Além disso, há nele uma aura e um mistério, por vezes, quase que indecifráveis. Esse aparente distanciamento que o Sérgio tem, ou que pode provocar quando quer, serviam muito bem a personagem e a história. Também ele se apaixonou pelo texto, mostrou-se muito recetivo a mergulhar neste universo e deixar o seu corpo, a sua voz e a sua mente habitarem esta intensidade e, sobretudo, este desafio. Portanto, acabou por ser a escolha certa.

A certa altura, o Eutanasiador diz: “Não gosto que nada falhe e acho que a qualidade do trabalho depende dos pormenores.” A frase pode descrever também esta encenação?

Não só a encenação. Eu revejo-me nessa frase. Sou muito minucioso, gosto dos detalhes, são os detalhes que fazem a diferença. É nos detalhes que nos definimos, é na maneira como apuramos os pormenores que nos distinguimos e tomamos posição.

Na sinopse, podemos ler que o Eutanasiador é um assassino a soldo, embora com algumas subtilidades. Aos atores é ensinado que não devem julgar as suas personagens. E o encenador pode julgar?

Não. Eu penso que o princípio é o mesmo. Temos de abraçar e gostar da personagem. Este homem diria que não é um assassino a soldo, porque não se vê dessa forma. O Sérgio e eu também não. Nós vemos-lo como facilitador e alguém que se predispõe a ajudar uma pessoa, o que é algo necessariamente diferente. Ele estabelece um contrato, presta um serviço e recebe por isso, ou seja, há uma série de premissas comerciais afetas a qualquer negócio. Ele identificou na sociedade portuguesa, e não só, uma lacuna, uma espécie de janela de oportunidade para um negócio que está por preencher, seja por que razão for. A razão mais evidente é a lei. Do ponto de vista jurídico, aquilo não é possível. Nós não podemos ajudar ninguém a morrer, porque isso pode ser considerado homicídio. Mas a sociedade tem esta hipocrisia, esta demagogia... Se uma pessoa se suicidar, “está tudo bem”, é uma decisão dela. Há, de facto, uma lacuna, eu diria, do ponto de vista social e ideológico.

É um tema que gera ainda muita controvérsia.

É um tema que todos queremos evitar,

passando pelos pingos da chuva, a ver se não nos toca. Até que nos toca, até que somos confrontados com a ideia de morte, seja por um amigo, seja por um parente, seja porque a vida acaba por nos pôr nessa posição. E quando nos deparamos com a ideia de morte e, sobretudo, se ela vier associada a uma ideia de sofrimento terrível, físico ou psicológico, a nossa capacidade de entender esse mecanismo varia. Somos mais pragmáticos se se tratar de abater um animal, que até podemos considerar família. Sentimos que é um ato de caridade eutanasiar um animal de estimação, mas um ser humano é um assunto mais delicado. Eu penso que não debatemos ainda suficientemente este tema.

Muitas vezes, o teatro retrata a realidade. Neste caso, poderá a ficção inspirar a realidade?

Não sei. O teatro tem esta capacidade de nos encostar à parede, de nos obrigar a olhar ao espelho, e isso é extraordinário. O objetivo do espetáculo é provocar o debate, a reflexão, fazer com que as pessoas possam conversar um pouco sobre isto e pensar como é que se posicionariam perante uma situação destas. Há circunstâncias que devem ser avaliadas e entendidas, em que a dignidade da vida passa necessariamente pela morte. Não podemos contemplar uma sem pensar na outra. Perpetuar a vida a todo custo, em nome de um qualquer valor humanitário, pode ser perverso. Não há aqui qualquer tipo de moralidade, nem intenção de dar respostas ou ensinar caminhos, mas sim de provocar em cada um de nós, espectadores, um desconforto que nos leve a pensar um pouco mais aprofundadamente sobre esta questão. Espero que quem nos vier visitar tenha uma hora de espetáculo verdadeiramente provocatória, intensa e até, quem sabe, muito bonita.



SALA ESTÚDIO . A PARTIR 8 MAI . QUA A DOM 19:00

EUTANASIADOR

Ao longo de um interrogatório policial, vai-se descobrindo a personalidade de um *serial killer* a soldo e as histórias das suas vítimas e clientes.

Personagem amoral e hedonista, insensível e sedutor, este assassino simultaneamente manipulado e manipulador põe em causa, com ironia, as nossas ideias feitas sobre o direito à escolha, a dignidade na morte, o que é o crime e o que é a culpa.

De **Paula Guimarães**

Encenação e espaço cénico **Diogo Infante**

Interpretação **Sérgio Praia**

Espaço sonoro **Artur Guimarães**

Desenho de luz **Pedro Gonçalves**

Direção de cena **Raquel Caetano e Tiago Areia**

Operação de som e luz **Renato Charrua e Tatiana Damaya**

Fotografia cartaz **Pedro Macedo – Framed Photos**

Fotografia de cena **Alípio Padilha**

Produção **Teatro da Trindade INATEL**

CONVERSA COM O PÚBLICO . 25 MAI . APÓS O ESPETÁCULO



TEATRO DA TRINDADE INATEL

Direção Artística **Diogo Infante** Direção Executiva **Hugo Paulito**

Secretariado da direção **Elisabete Duarte e Rita Martins** Tesouraria **Inês Figueiredo**

Produção **Andreia Rocha e Maria Cancela** Comunicação **Raquel Guimarães** (Coordenadora),

Adriano Filipe e Sónia Castro Núcleo de cena **Nuno Pereira** (Coordenador) Direção de cena **Pedro**

Viegas e Rosário Vale Iluminação **Pedro Gonçalves e Renato Charrua** Som **António Oliveira e Rui**

Santos Palco Ana Machado, Joana Margarida, Raquel Caetano e Tiago Areia Recepção/Bilheteira

Ana Rita Teixeira e Simão Mendes Manutenção geral **Vítor Albuquerque e Filipe Bastos** Técnicas

de limpeza **Helena Gameiro** (Encarregada), **Elsa Fernandes e Fernanda de Jesus** Portaria / Vigilância

Carla Aniceto e Protecção Total



www.teatrotrindade.inatel.pt